

Editorial

É com muita alegria e gratidão que apresentamos à comunidade este dossiê que marca os 20 anos do grupo **Rumo à Educação Matemática Inclusiva**. Qualquer frase que escolhêssemos para iniciar este texto não seria capaz de expressar nossas emoções. Além de termos colocado em um único volume o nome de várias pessoas que estiveram conosco durante nossa trajetória, reconhecemos, nestas páginas, muito de nossa *perezhivanie*¹.

Comparamos a trajetória do grupo com o “caminho de tijolos amarelos” de Oz e cada uma das pessoas que a nós se juntaram são companheiras(os) em busca da Cidade das Esmeraldas. Já a variedade e a quantidade de pesquisas, constituídas na área, pavimentaram nosso caminho e foram, também, determinantes para o desenvolvimento do nosso trabalho.

O que começou em 2002, de forma bastante tímida, cresceu e os vinte e quatro artigos que compõem este número podem contar uma história que se assemelha a que vivemos. Entre eles, temos quatro artigos que apresentam revisões da literatura, considerando diferentes aspectos, e cada um deles nos remete a lembranças importantes. O artigo intitulado **Um breve panorama das pesquisas produzidas pelo GT13 no Brasil sobre Educação Matemática Inclusiva** nos fez lembrar que, quando iniciamos nossos estudos, havia escassez de pesquisas publicadas na área, uma realidade diferente da atual. Talvez isso se deva, em larga medida, à criação do GT13 que representa um tijolo amarelo importante na trajetória do Rumo, uma vez ele que foi um dos seus proponentes.

Ainda nos reportando aos primeiros tijolos de nossa estrada, as revisões bibliográficas – intituladas **Ensino de Matemática para estudantes com deficiência visual: foco nas modificações em recursos didáticos e Educação Estatística para estudantes cegos: uma Revisão Sistemática da Literatura** – buscaram pesquisas que

¹ Termo usado por Vygotsky em seus escritos é empregado para caracterizar experiências emocionais e/ou experiências vividas.

tiveram como foco estudantes com deficiência visual, que foram o centro de nossas primeiras pesquisas. Abordando esse público, destacamos, ainda, o artigo **A exploração tátil de representações geométricas produzidas com a caneta 3D: uma ferramenta para o ensino de estudantes cegos**, que analisa as impressões de estudantes e educadores cegos sobre uma ferramenta que auxilia na produção de material tátil.

A quarta revisão de literatura – **Do ensino de Matemática à Educação Inclusiva: um olhar nas Tecnologias Digitais para alunos com Transtorno do Espectro Autista** – envolve estudantes que passaram a ser o foco em nossas pesquisas em 2013. Cabe destacar que o TEA foi dos distúrbios do neurodesenvolvimento mais abordado nos artigos recebidos para publicação deste número. Além do citado anteriormente, temos outros três artigos voltados para atender esse público em turmas inclusivas – **Inclusão na educação matemática: o pensamento criativo de alunos com transtorno do espectro autista**, **Aproximações entre o Desenho Universal para Aprendizagem e o pensamento complexo em prática de educação matemática inclusiva** e **A utilização do ambiente imersivo de realidade virtual no ensino de matemática para estudantes com TEA**.

Voltando aos tijolos amarelos, pesquisas centradas nos processos de ensino e de aprendizagem de estudantes surdos constituíram o segundo grupo para o qual dedicamos nossos estudos. Sempre com inspiração vygotskiana, exploramos materiais que servissem para trabalhar as cores, os espaços e movimentos. Nos artigos **Ensino de Matemática para surdos: potencialidades de vídeos com diferentes gêneros textuais** e de **Ensino de matemática para alunos surdos: uma experiência sobre multiplicação com material didático manipulável**, os autores expõem recursos que utilizam diferentes formas de apresentar os conceitos matemáticos.

Depois da chegada daqueles que nos trouxeram a proposta de estudos com estudantes surdos, mais e mais pessoas aproximaram-se com novos desafios. Ainda em 2013, a Síndrome de CHARGE passou a integrar nossa agenda de pesquisa. Neste número, a autora de **Cenários para Investigação: possibilidades para a Educação Matemática Inclusiva** apresenta um recorte da investigação conduzida, no qual faz uma reinterpretção dos dados. Já a deficiência intelectual é tema do artigo intitulado **Um olhar sobre o desempenho de aluno público-alvo da Educação Especial diante de cenários para aprendizagem matemática, mediados por ambiente musical**, que

destaca indícios da importância dos ambientes musicais para a melhoria da atenção e memória de estudantes com DI.

Os artigos que alguns dos membros do grupo Rumo apresentam, neste número, permitem perceber que, com o tempo, para nós, a Educação Matemática Inclusiva passou a envolver muito mais do que as deficiências físicas, sensoriais ou cognitivas que considerávamos inicialmente. Certamente, ter passado por esses tijolos foi essencial para que pudéssemos constituir uma sustentação para nossos estudos, mas o termo inclusão assumiu um escopo muito mais vultoso. Tal fato pode ser identificado em muitas de nossas produções científicas e nos artigos **Empreendedorismo e aprendizagem de matemática em um contexto de vulnerabilidade social** e **Educação Matemática Crítica e a Vulnerabilidade Social Informal: criticidade de uma catadora de recicláveis ao lidar com a matemática em seu cotidiano**, que são apresentados neste número e destacam pessoas em situação de vulnerabilidade social em diferentes contextos. As políticas públicas, o preconceito, os diferentes problemas educacionais enfrentados pelas denominadas “minorias”, as preocupantes desigualdades sociais que se evidenciam na educação brasileira tornaram-se tijolos essenciais na pavimentação do nosso caminho.

A formação inicial e continuada de professores que ensinam matemática tem sido uma fragilidade apontada desde o início de nossas pesquisas e que continua na nossa agenda de pesquisa e na de muitos pesquisadores da área. Neste número, temos sete artigos que abordam o tema, sendo que cinco deles são voltados à formação inicial de professores: **(Co) construindo relações intra e interpessoais inclusivas com a matemática no processo de aprender a ensinar**, **Aprendizagem da docência e TDAH: análise de uma prática formativa envolvendo licenciandos(as) em Matemática de um Instituto Federal mineiro**, **Possibilidades de práticas formativas na Licenciatura em Educação do Campo na perspectiva da justiça social**, **Matemática é coisa para homens? Refletindo sobre inclusão de gênero com estudantes de um curso de licenciatura em Matemática** e **A educação matemática inclusiva na formação inicial: análise dos saberes profissionais de futuros professores de pedagogia**. Desses artigos, dois deles envolvem estudantes de cursos de Licenciatura em Pedagogia, dois de Licenciatura em Matemática e um de Licenciatura em Educação do Campo.

Os artigos **Percepções de professores de matemática do ensino regular quanto à formação na área de educação inclusiva** e **A empatia como resultado da**

sensibilização e conscientização do direito daquele que não é igual destacam a importância de sensibilizar professores que atuam na educação básica para refletir sobre e repensar suas práticas matemáticas para salas de aula inclusivas.

Os estudos desenvolvidos em salas de aula inclusivas são: **Vivências e brincadeiras: uma Cultura Inclusiva na Educação Infantil** e **Uma proposta de atividade matemática para uma turma inclusiva de 6º ano a partir da coleta de tampinhas de garrafa pet**, ambos focaram o planejamento de cenários inclusivos para aprendizagem matemática, envolvendo estímulos multissensoriais, a interação e a colaboração entre os pares.

Muitas são as pessoas que, embora não tenham seus nomes registrados visualmente nestas páginas, aqui estão por entre suas linhas. Pessoas queridas que são e foram tijolos essenciais. Para nos ajudar a expressar essas lembranças, poderíamos trazer muitos autores de clássicos para conversar conosco, além de L. Frank Baum, autor de *Mágico de Oz*, bem como Saint-Exupéry que escreveu *O Pequeno Príncipe*, em 1943, livro em que um homem tem sua vida transformada pelas narrativas de um príncipe, de uma raposa e de uma rosa. Assim se mostra nossa estrada de tijolos amarelos, um caminho em constante (trans)formação.

Desta vez, vamos citar os versos do poema de Don Antonio Machado, poeta e dramaturgo espanhol do século XIX, “Caminhante não há caminho, se faz o caminho ao caminhar [...]”. Nós, como professoras/pesquisadoras, e todas e todos que estiveram e que estão conosco e que, assim como nós, se tornaram disseminadoras(es) de ideias, ideais, bandeiras, inspirações e de uma outra forma de ver e ensinar a matemática escolar, desejamos que equidade seja mais do que um termo politicamente correto nos discursos.

Estamos certas de que há muitos tijolos para serem assentados nos caminhos e que muitas são as mãos necessárias para executar a tarefa.

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

As editoras